




Outorga do Título de Professor Emérito a

---

Fernando Antonio Novais





 Universitas Pavlopolitana  
Philosophiae, Litterarum Humanarumque  
Scientiarum Facultas

Ego, Doctor Gabriel Cohn, Philosophiae, Litterarum  
Humanarumque Scientiarum Facultatis Moderator in  
Universitate Pavlopolitana, cum actum uidissem et per-  
legissem quo ab huius Facultatis Magistrorum Collegio ante diem  
tertium decimum Kalendas Nouembres anno MMV praecclarus uir

**Fernando Antonio Louais**

Historiae peritissimus,

**Professor H. meritis**

rile declaratus est, hoc diploma ei dedi, ut omnibus honoribus  
privilegiisque cum dignitate sua cohaerentibus et qui-  
dem sollemniter collatis iure uli ac perfrui posset.

Huius Facultatis in Aedibus Pavlopoli in Brasilia, ante  
diem undevicesimum Kalendas Ianuarias anno MMVI.

Dr. G. Gabriel Cohn  
Facultatis Moderator

José Cláudio de Medeiros, C. M.  
Facultatis in Actis

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**REITORA:** Profa. Dra. Suely Vilela  
**VICE-REITOR:** Prof. Dr. Franco Maria Lajolo

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**DIRETOR:** Prof. Dr. Gabriel Cohn  
**VICE-DIRETORA:** Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

**SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (AÇÃO)**

*Projeto Gráfico, Diagramação*

Dorli Hiroko Yamaoka – MTB 35815

*Revisão*

Verônica Reis Cristo e Laís Lucas Moreira

**ARTES GRÁFICAS – FFLCH**

João Fernando Querido Salgado

Tiragem – 600

São Paulo - janeiro de 2008

CERIMÔNIA DE OUTORGA  
DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO

*PROF. DR. FERNANDO ANTONIO NOVAIS*

Data: 14 de dezembro de 2006  
Horário: 13h30  
Local: Rua do Lago, 717 - Cidade Univeristária  
Prédio da Administração – Salão Nobre  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas/USP

São Paulo - janeiro de 2008



## Sumário

APRESENTAÇÃO .....	9
PROF. DR. SEDI HIRANO	
DISCURSO DE SAUDAÇÃO .....	11
PROF. DR. PEDRO PUNTONI	
DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO .....	21
DR. FERNADO ANTONIO NOVAIS	
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
PROF. DR. GABRIEL COHN	





**APRESENTAÇÃO**  
***PROF. DR. SEDI HIRANO***

**É** com imensa satisfação que participo desta cerimônia de outorga do título de professor emérito ao nosso querido e estimado Professor Dr. Fernando Novais. Em nome da reitora e na condição de pró-reitor, tenho a honra de poder representar a USP neste momento tão importante e por isto estou tomado por uma intensa emoção.

O Professor Fernando Novais foi meu professor do curso de Ciências Sociais entre os anos de 1963 e 1964.

Não vou falar aqui da obra do Professor Fernando Novais, que se tornou referência nacional e internacional, nem das inúmeras conferências magistrais que ele proferiu e que somam mais de uma centena. Não vou falar dos inúmeros congressos de que ele participou. Não vou falar dele como professor visitante da Universidade do Texas e de várias universidades européias e americanas.

O que me vem à memória é exatamente a figura do Professor Fernando Novais em 1963. Eu fiquei ontem à noite pensando: Fernando Novais, que belo professor, um grande professor! “Belo professor”, aliás, era um termo que as alunas usavam. Um belo professor no sentido estético, mas também no conteúdo, na beleza do conteúdo, no refinamento teórico e metodológico e naquela busca do sentido da História, vasculhando os fatos com as suas reflexões críticas, e fazendo interpretações instigantes e inovadoras.

O Professor Fernando Novais não tinha uma única interpretação da História, mas procurava, por exemplo, ver a compreensão da História de várias perspectivas. E essas várias perspectivas também eram ensinadas aos alunos do curso de Ciências Sociais.

Lembrei também, que os alunos falavam que o Professor Fernando Novais parecia um personagem de um dos filmes do Eisenstein. Ele era como aqueles grandes atores pela postura que tinha diante dos alunos, pela forma de se dirigir a eles, pela dicção perfeita, pelo português castiço e pelos gestos: ele era um grande intérprete da história moderna e contemporânea.

Então me vieram à memória alguns desses filmes do Eisenstein: Alexandre Nevski, Ivan, o Terrível, O Encouraçado Potenkin, e os grandes atores que os interpretavam: Alexandre Antonov, o notável Nikolai Cherkazov... Esses eram os filmes a que a nossa juventude assistia.

A grande verdade é que nós, além de assistirmos aos filmes do Eisenstein, assistíamos à aula do Professor Fernando Novais e encontrávamos nele aquele grande ator-historiador que as universidades consagradas e os grandes diretores de cinema têm. Nós tínhamos um grande professor de história que era exatamente o Professor Fernando Novais.

Eu só queria rememorar essa imagem do Professor Fernando Novais, despertando paixões e despertando utopias de que um dia nós seríamos cientistas sociais, sim! De que um dia seríamos historiadores, e grandes historiadores.

Como o Professor Fernando Novais tinha carisma, nós também, de forma desesperada, tentávamos nos apropriar de um pouco de seu carisma para ver se um dia nos tornaríamos bons professores.

Eu acho que, de certo modo, conseguimos parte do que almejávamos, mas nunca alcançamos o carisma, deste brilhante professor e intérprete da história moderna e contemporânea, que é o Professor Fernando Novais. Era o que eu queria dizer. Muito obrigado.

## DISCURSO DE SAUDAÇÃO

*PROF. DR. PEDRO PUNTONI*

**B**oa tarde.

Boa tarde ao meu mestre, hoje homenageado.

Meus cumprimentos ao sr. Pró-Reitor de Cultura e Extensão, Prof. Dr. Sedi Hirano; ao sr. Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Prof. Dr. Gabriel Cohn; à senhora Vice-diretora, Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini; à senhora chefe do meu departamento, o Departamento de História, Maria Helena Rolim Capelato; aos colegas, senhores e senhoras aqui presentes;... ao meu professor Fernando Novais.

Falo, de acordo com o costume, em nome desta Congregação. Falo para tentar traduzir em palavras o sentido da homenagem que hoje fazemos ao professor Fernando.

Gostaria, inicialmente, de agradecer aos colegas que me concederam o privilégio de saudar o professor, meu querido mestre e amigo. Registro que faço este discurso com muita emoção. Um momento de grande responsabilidade, mas também de enorme alegria.

Mais do que a concessão de uma dignidade, considerá-lo Professor Emérito desta Faculdade significa colocá-lo simbolicamente entre aqueles que temos por

mais altos na nossa comunidade. Sabemos todos que o título de professor emérito não corresponde a nenhuma etapa da carreira funcional de um professor. É uma honraria excepcional concedida aos professores já aposentados que contribuíram de forma extraordinária para nossa comunidade – contribuíram de forma extraordinária para as atividades fins que nos justificam.

Somos uma Faculdade de Ciência e de Formação. O Ensino e a Pesquisa, indissociáveis, são as duas dimensões fundamentais de nossa atividade profissional, de nosso compromisso existencial. O reconhecimento da excelência das atividades didáticas e de pesquisa desenvolvidas pelo professor nas últimas cinco décadas junto ao departamento de História justifica plenamente esta dignidade. Há exatos vinte anos, o professor Novais se aposentava. Deixou as atividades de ensino no curso de História, para então dedicar-se a um novo vínculo no Instituto de Economia da Universidade de Campinas. Mas permaneceu ativo nos programas de Pós-graduação de história desta nossa Universidade. Permaneceu presente, extraordinariamente presente, no nosso campo de trabalho. Nestes anos, formou dezenas de mestres e doutores, entre os quais me encontro. Nunca se afastou de nossa comunidade e ainda se dedica intensamente à formação de novos pesquisadores. Seus estudos, como se sabe, definiram todo um amplo campo de investigações...

Fernando A. Novais nasceu em Guararema, no Estado de São Paulo. Filho de um professor de grupo escolar casado com uma “moça muito simples e de origem mestiça”. Como ele mesmo lembra, em entrevista para o livro “Conversas com os historiadores brasileiros”, seu avô era negro, filho de escravos e sua avó, italiana do Vêneto. Donos de uma padaria. Seguindo a profissão do pai, a família do pequeno Fernando andou por diversas cidades do interior do Estado, até chegar na Capital. Com dezesseis anos, a opção pelos estudos clássicos no colegial parecia tranqüila: desde sempre pensara em seguir o pai e se tornar professor. O interesse pelas humanidades, pela literatura, o levou à Faculdade de Filosofia. Aqui nasceria o historiador.

O gosto pela história, gestado nos cursos da professora Maria Simões no colégio Roosevelt, agora se transformaria numa dedicação para a vida. O primeiro e maior impacto veio no curso de História Moderna, ministrado pelo professor Eduardo d'Oliveira França. Um curso monográfico: a Renascença italiana, Florença no século XV. A Universidade e, em particular, nossa Faculdade transformaram o

panorama intelectual brasileiro: o encontro de uma atitude renovada em relação às ciências do homem, fruto em boa medida da presença dos professores estrangeiros, aliava-se ao radicalismo imanente à experiência social dos alunos... vários deles oriundos das camadas mais pobres ou, apenas, remediadas da sociedade brasileira. Abria-se uma dimensão que escapava das tiradas generalizantes, de um ensaísmo, como o de Oliveira Vianna, comprometido com um Estado autoritário e, no caso da produção historiográfica, de um certo amadorismo metodológico. Desde então, imerso neste ambiente de nossa Faculdade, o jovem estudante pode usufruir desse espírito livre, rigoroso e interdisciplinar. Marca significativa – já mítica - desta experiência foi, sem dúvida, o chamado “Seminário Marx”, que reuniu, entre 1961 e 1964, vários jovens intelectuais de destaque, como Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Giannotti, Bento Prado Jr., Roberto Schwartz... em torno de uma leitura “metódica” da crítica da economia política.

Antes mesmo de terminar o curso, o estudante tornava-se professor. No final do segundo ano, tornou-se assistente da professora Alice Canabrava, na Faculdade de Economia. Em 1961, já formado, passou a trabalhar como assistente do professor França, na cadeira de História Moderna desta Faculdade, onde esteve até se aposentar em 1986. Naqueles dias - tão distantes de um certo “produtivismo” que tem, em alguns aspectos, sufocado os programas de pós-graduação, regulados (numa incompreensível inversão) pelos ritmos dos sistemas de avaliação – uma tese podia levar uma década para ser escrita. Foi o que aconteceu com o professor Novais. Sua tese foi defendida apenas em 1973... e publicada em 1979.

Dizer que sua tese, *Portugal e o Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial*, marcou a historiografia é quase um truísmo. Nela, o instrumental analítico do marxismo é utilizado de forma magistral, associado às reflexões contemporâneas da historiografia, sobretudo os resultados da escola dos *Annales*. Aliando uma interpretação do processo de formação do capitalismo, derivada em grande parte de uma definição mais ampla da própria noção de capitalismo comercial, Novais conseguiu “ir além” da tese de Caio Prado Jr., para quem o “sentido da colonização” e, portanto, de nossa formação era a produção de mercadorias para o mercado externo. Mais do que isso, no seu entender o processo de colonização se articula, de forma mais ampla, à gênese do capitalismo moderno, inscrevendo-se como peça da

assim chamada acumulação primitiva de capital. Sua leitura, como se percebe, renova a presença do marxismo no pensamento social brasileiro – aproveitando, ao máximo, a experiência do grupo de estudos sobre *O Capital* que confrontou diversas leituras de intelectuais paulistas. A obra de Fernando Novais é, nesse sentido, fruto da universidade pública e da atualização intelectual dos anos 60 e 70, processo este vinculado à prática política e à reflexão engajada. No trânsito seguro com as outras ciências do homem, notadamente a Sociologia, Fernando não subordinou – muito pelo contrário! – a especificidade do conhecimento histórico

Sua obra se completa, no meu modesto entender, nos desdobramentos futuros de sua pesquisa. Pesquisa que, sem dúvida, se realiza também na nossa, isto é, por meio de seus alunos de mestrado e doutorado, na USP ou na Unicamp, ou, num senso mais amplo, em todos aqueles que se viram influenciados por suas interpretações.

De forma inspirada e inovadora, Fernando Novais propôs uma análise do processo de formação da sociedade brasileira, buscando compreender os mecanismos da crise do Antigo Sistema Colonial, processo que define as condições da emergência do Estado Nacional. Sem nenhum automatismo, recusando qualquer postura dogmática, Fernando manteve-se fiel à um pensamento radical que procurava enfrentar a realidade de forma produtiva, isto é, comprometida com a construção de sentidos. Afirmando, sempre, a especificidade do saber produzido pelo historiador.

A perspectiva do historiador, como nos lembra Novais, é diferente daquela do sociólogo ou do economista. Em termos simplificados, podemos dizer que o cientista social descreve para explicar, enquanto que o historiador explica para descrever. A consciência da totalidade, marca evidente da influência do marxismo e da história estrutural dos *Annales*, sempre conduziu a sua reflexão. Como mostrou Novais, em um artigo sobre a vida cultural na época do Antigo Regime “os homens vivem, no curso da história, todas as dimensões da realidade, que a análise separa para tentar explicar”. Contudo, aqui me permito cita-lo mais longamente:

“Na realidade objetiva, portanto, todas essas dimensões estão interligadas, e são interdependentes. Ao fixar uma determinada dimensão - a vida econômica, por exemplo - é até certo ponto possível, sob certas condições, estabelecer determinadas configurações (sistemas econômicos, tipos de economia etc.), que abrem caminho para uma periodização. O mesmo quando tratamos da vida

social, política, ou das produções culturais. As várias periodizações entretanto não coincidem, na medida em que parecem obedecer a ritmos diferentes. Ficam justapostas, e não articuladas. Ora, sendo assim, o critério de periodização global não se poderia mesmo encontrar numa inexistente coincidência, mas exatamente na forma de articulação que, num dado tempo, integrasse os vários níveis, aparentemente desencontrados. Assim, a persistência de uma determinada configuração setorial, quando mudam os demais setores, deixa de ser um problema insolúvel, na medida em que a mesma configuração muda de natureza quando se articula com novas configurações. A articulação, isto é, a totalidade, sobreleva e define as partes que a compõem. A contemporaneidade, isto é, a coincidência num mesmo tempo, marcaria a simples temporalidade; a articulação definiria a historicidade de qualquer segmento estudado”.

Já em 1967, no primeiro de seus trabalhos em que discutia a colonização e o sistema colonial – trabalho apresentado no IV Simpósio dos Professores Universitários de História – Fernando Novais define sua proposta teórica que busca inserir “a colonização moderna no contexto do Antigo Regime - absolutismo, capitalismo comercial, política mercantilista, sistema colonial - procurando esclarecer as conexões que articulam os vários componentes desse todo, destacando as tensões sociais derivadas da ascensão burguesa a partir da estrutura feudal e através da época moderna”. Com isso, acreditava (com razão!) “ter escapado a um possível economicismo que nos poderia ter viciado a análise, que se pretende globalizadora”. Em uma passagem, que me permito citar, estabelece de forma cristalina a sua posição como historiador:

“Além disso, importa ficar bem claro que, ao tentarmos fixar as categorias essenciais desse processo histórico, não buscamos de forma alguma os denominadores comuns presentes necessariamente em todas as manifestações concretas, mas sim as determinantes estruturais, isto é, os componentes a partir dos quais é possível compreender o conjunto das manifestações, aqueles componentes que definem, explicitam, tornam inteligíveis os demais, e se não definem por eles. Em suma, tentamos demarcar a posição metodológica a partir da qual se deve proceder a análise da história da colonização”.

E mais a frente, ponderava, numa passagem de grande atualidade (nos tempos que correm, de imersão, tão ingênua, tão cega, na empiria):

“Também não ignoramos que unicamente a investigação cientificamente conduzida das manifestações históricas concretas do fenômeno podem comprovar ou rejeitar uma perspectiva metodológica em confronto com outros modos de ver. Nenhum dogmatismo, pois, nos anima o espírito. Mas estamos igualmente conscientes da necessidade incontornável dos esforços deste gênero para orientar as pesquisas históricas; do contrário, corre-se o risco de submissão sem crítica aos dados colhidos na documentação, produzindo-se quando muito uma descrição empírica da realidade”.

O resultado do seu trabalho, definindo as estruturas e a dinâmica de um Antigo Sistema Colonial, configurou de forma permanente a historiografia brasileira. Desde então, diversas posturas críticas se delinearão, sem contudo perder de vista as soluções propostas pelo professor Fernando. De uma maneira simplificada, podemos identificar, no campo do marxismo, tentativas de conceitualizar um modo de produção colonial, dependente e escravista, sempre partindo de uma definição mais estrita que identificava a determinação primeira com as relações de produção. De forma ousada, anti-dogmática, Fernando Novais sempre pensou que a utilidade de um conceito como de modo de produção estava na aceitação integral de sua historicidade – aspecto fundamental da crítica que Marx fazia à economia política do século XIX (que ele adjetivava de “vulgar”), economia burguesa que se fundava na crença na naturalidade das leis sociais ou, em outros termos, numa metafísica da ação dos homens. Nas palavras do professor Fernando, e aqui me desculpo mais uma vez pelo recurso à citação:

“O conceito de modo de produção é muito mais amplo: é um tipo especial de articulação das várias instâncias que envolvem inclusive dimensões não-econômicas e nessa concepção o modo de produção não está vinculado nem sequer a um sistema econômico. Pode existir um modo de produção que contenha várias ‘maneiras de produzir as coisas’ articuladas com o sistema global. Repito: para mim é uma coisa muito ampla, é o critério de periodização da história, que envolve política, cultura, economia, é a forma de articulação das instâncias”.

Fica evidente, então, sua posição aberta e compromissada com o resultado da reflexão. O professor Fernando nunca se cansou de nos dizer, lembrando a tirada de Soboul: “Que fique bem claro, eu sou historiador marxista e não marxista historiador”.



Na década de 90, Novais coordenou a coleção *História da Vida Privada no Brasil*. A obra coletiva, em quatro volumes, foi resultado de uma etapa de acumulação de novos temas e abordagens, que, além de adequar nossos passos aos da produção internacional, sobretudo a francesa, trazia também os frutos das décadas anteriores de profissionalização da pesquisa histórica e de renovação do conhecimento universitário. Inscrevia-se, como não se pode deixar de perceber, num quadro mais amplo de crise de um determinado regime discursivo – por assim dizer – ou de um paradigma das ciências do homem. Contudo, como já foi notado, no campo específico do fazer histórico esse movimento foi sentido muito mais “na abertura de novos temas”, no “retorno da narrativa” ou, pelo menos, “a uma certa forma da narrativa”, como pensava Lawrence Stone. Em verdade, a história nunca prescindiu da narrativa. Não sendo correto então identificar uma retomada. Na França, segundo Paul Ricoeur, o deslocamento resultante de seu objeto, do indivíduo agente para o fato social total, produziu, com efeito, apenas um “eclipse da narrativa”. Afinal, esta renúncia se confunde com o abandono da história “acontecimental” (événementielle), isto é, a história política, a “história-batalha”, dando lugar a uma história das conjunturas, das estruturas, mas não a um abandono efetivo da narrativa. Esta apenas se transformou. Afinal, como mostrou Ricoeur, mesmo “o longo prazo permanece prazo”. Distante dos conceitos de estrutura da economia ou da antropologia, a noção de estrutura braudeliana só é entendida se articulada à coexistência dinâmica das várias temporalidades. Há, portanto, uma narrativa da longa duração, há uma história das estruturas. Não obstante, nos tempos que correm, podemos constatar, com certa segurança, o retorno da história para a política, ou, ainda, o retorno da história para o indivíduo e para a dinâmica social.

Novais não se furtou a essa renovação, recusando, como deve ser, uma perspectiva que se insurgia contra o racionalismo ou mesmo contra a possibilidade da compreensão. Seu envolvimento no projeto da *História da Vida Privada* procurou manter, a partir da sua própria heterodoxia, o diálogo com novas tendências, mostrando as conexões, as permanências.

Em 2005, uma seleção de textos esparsos foi publicada com o título *Aproximações: estudos de história e historiografia*. Resultado de um pedido de seus alunos que, reunidos em sua homenagem no ano de 2003, discutiam com o mestre a necessidade

de tornar mais acessíveis artigos e textos tão importantes. Como dizíamos na apresentação, que tive a honra de redigir, este livro é uma lição de método. A História, para Fernando Novais, não se faz com certezas, com afirmações pretensamente categóricas. Nas suas palavras, muito ao contrário, “em História, não pode haver nunca a obra definitiva; tudo a que podemos aspirar são aproximações”. Os juízes da História são sempre os leitores... nas palavras de Borges, “cisnes ainda mais tenebrosos e singulares que os bons autores”. Cabe a eles verificar qual a melhor solução, qual a que mais satisfaz seus critérios de verdade e de compreensão. Afinal, segundo o ditame de Borges, ler não seria “uma atividade posterior à de escrever: mais resignada, mais civil, mais intelectual”? Com efeito, a atividade do leitor é sempre criativa. Antes de mais nada bom leitor, notavelmente erudito, Fernando Novais sabe, como sugeriu Hans-Georg Gadamer, que “o sentido de um texto supera o seu autor não ocasionalmente, mas sempre”. Por essa razão que “a compreensão nunca é um comportamento apenas reprodutivo, mas é sempre produtivo”.

Fernando Novais é um historiador, e é um professor. Neste duplo fazer, nos fez também historiadores.

Fernando sempre se destacou, para além de sua obra, pelo desempenho ímpar como professor. Lembro-me perfeitamente das suas aulas de história moderna. Meados dos anos 80... pouco antes de sua aposentadoria. A sala Caio Prado cheia... os alunos em silêncio, esperando o professor. Quando ele chegava, sempre cordial, nos apresentava sucintamente o que seria a aula. E era *a aula*. Cada um de nós podia sentir o prazer com que se entregava ao encadear dos argumentos, aos parênteses e pequenos *detours* pensados expressamente para retomar a atenção do público. Aprendíamos com o professor, sempre de espírito confiante e jovial, não apenas sobre o assunto que ele ali desenrolava... mas qual a forma, perfeita, de uma aula. Fernando numa sala de aula... é algo que nos empolgava... e ainda empolga. Porque, como se sabe, o professor se recusa a abandonar seus novos e antigos alunos.

Depois de sua aposentaria na USP, em 1986, passou à Universidade Estadual de Campinas, no Instituto de Economia. Lá esteve até o ano de 2004. Nunca se afastou, todavia, da pós-graduação e da orientação dos alunos naquela que é sua primeira casa: a Faculdade de Filosofia. Com um pé em Campinas, Fernando nunca afastou seu coração do nosso departamento. Hoje, depois de se aposentar na Unicamp,

leciona (a cada semestre) na nossa pós-graduação. Para o proveito de todos nós.

Este título, que hoje lhe conferimos, não significa (tenho certeza!) apenas um reconhecimento daquilo que ele já nos deu... mas, também pelo que nos dará. Antes de mais nada, uma celebração da vida e da obra de um profissional extraordinário... nosso mestre, um colega e um amigo sempre presente.

São Paulo, 14 de dezembro de 2006



**DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA  
ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO**

***FERNANDO ANTONIO NOVAIS***

**P**ró-Reitor Sedi Hirano; professor Gabriel Cohn, diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; professora Sandra Nitrini, vice-diretora da Faculdade; professora Maria Helena Capelato, chefe do Departamento de História; Sr. José Clovis de Medeiros, assistente acadêmico; meu caro Pedro,

Como sempre, os amigos dificultam a nossa tarefa. As palavras do Sedi e do Pedro criam uma expectativa à qual é difícil corresponder.

Depois dessas palavras honrosas a mim dirigidas, só posso lembrar-me da frase do professor Eduardo D'Oliveira França, na homenagem que lhe fizemos no Departamento de História, a última recebida por ele antes de falecer. Falamos, vários outros colegas e eu e, quando no fim, o professor França tomou a palavra, ele, que era um orador fantástico, começou de uma maneira muito simples e surpreendente para todos: "Eu não sabia que era tão bom". Eu teria vontade de começar assim, mas não posso e nem quero imitar o professor França.

Eu tenho que tentar explicar a minha dificuldade e, ao mesmo tempo, a minha necessidade de justificar-me perante a Congregação da Faculdade de Filoso-

fia, da “nossa Faculdade”, como sempre se referia a ela o professor França. Ele a denominava “a nossa Faculdade” ou “a Faculdade”, por antonomásia, quando falava da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Eu diria que é difícil explicar a minha gratidão e a minha alegria em receber essa titulação, pelo que ela significa, especialmente no meu caso.

Não é a primeira atitude generosa da Congregação para comigo. Quando fui convidado para saudar o professor França, na cerimônia da sua titulação emérita, já foi uma deferência. A titulação emérita significa, então, para mim, que a Faculdade não me considera devedor pelo fato de eu não ter atingido a condição de titular e de ter ficado no meio do caminho. Apesar dessa imensa significação no plano pessoal, ela não anula o meu sentimento de falta ou mesmo de dívida. A consciência da dívida para com a nossa instituição combina-se à sensação de que ela se estende ao professor França, pois ele não investiu em mim, como hoje se costuma dizer, ele fez uma aposta em mim, o que é muito diferente. E eu sinto, sobretudo, uma dívida comigo mesmo.

Eu explico para os amigos que eu não gosto desses momentos memorialísticos, aliás, creio que ninguém gosta, porque a gente é obrigado a falar das coisas mais íntimas. Para mim, significa lembrar o que eu não realizei. E quando dizem: “mas o que você fez é muito bom”, eu respondo que o fato de eu ficar triste pelas coisas que não fiz não é apenas um modo de dizer, não é fazer gênero, nem falsa modéstia. É que eu gosto tanto daquilo que eu queria fazer, que lamento não ter feito, embora projete ainda realizar. Esse diálogo, quase cumplicidade, que eu partilho com esta Congregação, ocupa meus sentimentos no momento. Tal preocupação não é superada sequer pelo fato de eu ter desdobrado as minhas atividades acadêmicas.

De fato, ao não completar a carreira e ao migrar para Barão Geraldo, isto é, para a Unicamp, onde estive por 15 anos, à qual eu quero render aqui meu pleito de homenagem, que estendo também à Unesp, à qual sempre fui muito ligado. Desse modo, eu me sinto muito identificado à academia do Estado de São Paulo, às três universidades estaduais paulistas, e as englobo nessa minha expressão de reconhecimento. Reconhecimento que, entretanto, não soluciona o problema. Na realidade, há ainda mais, nessa minha dificuldade.

A Congregação, quando da minha aposentadoria compulsória, há três anos, outorgou-me o título de professor emérito. Eu resisti, e a Congregação resolveu

esperar que eu me manifestasse para marcar a data. Após três anos e ainda assim não me tendo manifestado, a Congregação tinha todo o direito de estar agastada comigo. Ao invés disso, fixou uma data, e deixou-me diante da escolha entre comparecer ou ausentar-me. Aqui estou emocionado e feliz e, contudo, perplexo.

A dificuldade reside de fato na presença do componente profissional. É impossível falar, em uma sessão como essa, sem referir-se à própria trajetória, sem que se faça um pouco de memória. Isso é sempre muito difícil. É particularmente difícil para o historiador. O historiador, como disse Borges, é aquele que, tendo medo de enfrentar sua própria história, passa a vida “tergiversando alheias histórias”. Por isso, os historiadores raramente escrevem autobiografias, e Edward Gibbon é uma exceção raríssima e importantíssima. Os historiadores também hesitam em utilizar autobiografias como fontes. A autobiografia sempre retrata a vida que queríamos ter vivido. É preciso ter a coragem de García Márquez, não sei se respaldado pelo prêmio Nobel, que, ao escrever o primeiro volume de sua auto-biografia, pôs como epígrafe ele mesmo. E a epígrafe é mais ou menos seguinte: “a vida que conta não é a que vivemos, é a de que nos lembramos para poder contar”. Essa é uma verdade na qual os historiadores têm que meditar muito, pois se retirarmos todas as suas conseqüências, praticamente a história como discurso encontra-se inviabilizada.

Se tomarmos, por exemplo, os ensaios de ego-história – publicados na França por Pierre Nora – manifestam claramente a dificuldade de os historiadores enfrentarem o seu próprio itinerário. Há uma certa melancolia a permear as reconstruções, enfraquecendo as análises. Isto porque o historiador, nesse caso, necessariamente percebe que está se tornando história e, portanto, abdicando da condição de sujeito do discurso, e isso é inapelavelmente melancólico. A melancolia, segundo Foucault, que entendia do assunto, na época clássica, era considerada uma das mais perversas manifestações dos desarranjos da alma, um sentimento sem resolução. Aqui cabe lembrar o prefácio e a introdução de Eric Hobsbawm nos 12 volumes da *História do Marxismo*, que transpira esse sentimento, quando diz: “nós estamos nos transformando em História”. Ele põe, então imediatamente, um grave problema teórico: como aplicar o marxismo a si próprio? É uma questão complicadíssima, e não resolvida.

Esse mal estar aprofunda-se, no meu caso, e penso que no de muitos da minha geração, pois somos herdeiros de uma cultura identificada com a crítica do mundo,

realizada por meio do marxismo. Esse sentimento é o que nos dificulta e nos embarga a palavra. Assim, quando o professor Gianotti, amigo e *compagnon de route*, me telefonou hoje e disse: “veja lá se não vai chorar”, eu reclamei da frase e ele se justificou: “é que eu tenho experiência”. Apesar do meu protesto, reconheço o drama explicitado pelo amigo; ele envolve, nos seus desdobramentos, a tragédia do saber envelhecer.

Por vezes eu me pergunto sobre a minha atitude, comumente muito crítica com os orientandos, especialmente com os mais jovens, quando lhes advirto: “você não têm espírito crítico com os autores contemporâneos, essa é uma mania novidadeira, basta ser atual para vocês acharem que é bom”. Será que não sou eu que estou começando a implicar com tudo que é novo? Há uma certa tendência a valorizar a novidade que não justificaria sua simples rejeição. É por tudo isso que sempre resisti a situações como esta que estamos vivendo, momentos em que sentimentos dessa natureza se tornam mais agudos.

Essas palavras poderiam levar à idéia de que me domina um certo pessimismo. Mas eu gostaria de distinguir esses dois sentimentos. Não que eu ache a situação atual maravilhosa; longe disso. Posso até admitir que no conjunto do percurso sempre haja algo de bom. Evidentemente, tenho gratas lembranças dos gloriosos tempos da Maria Antônia, quando eu era aluno – e sempre fui muito “xereta” – pois assistia muito às aulas de Ciências Sociais; frequentava meu curso à tarde e os outros à noite, como aquele absolutamente inesquecível ministrado pelo professor Antonio Candido, que hoje me honra muito com a sua presença, a famosa disciplina sobre a *Organização Social*. Não me restringia às Ciências Sociais, incursionando às vezes pelas Letras.

Eu vivi muito intensamente aquele ambiente como aluno e depois como professor, nos anos 60 e 70. Nos anos 60, especialmente, a fase heróica da Maria Antonia. Na transferência para a Cidade Universitária, o Departamento de História foi um dos primeiros a se deslocar. Antes da construção do prédio de História e Geografia, as aulas eram ministradas nos dois lados do prédio da Reitoria, hoje chamada Antiga Reitoria, enquanto estava sendo construído o edifício atual, que parece nunca deixou de ser construído, porque vive em permanente reforma. Lembro-me de uma das últimas cerimônias de entrega de diplomas, ritual que saiu de moda, momento em que se deixou de usar a beca. Foi em 1964, no prédio em



construção da Geografia e História, com a ausência do paraninfo, que era Darcy Ribeiro. Todas essas fases eu vivi, além do mais próximo período da Unicamp, e que são parte indissociável da minha história.

Sou realmente obrigado a pensar sobre os motivos dessa melancolia, pois além da insatisfação com o realizado e da dúvida sobre futuras realizações, o meu ofício de historiador me obriga a indagar sobre o que caracteriza esse período da segunda metade do século XX e começo do século XXI, que corresponde ao meu percurso, à minha história. O fim do século XIX e o começo do XX foi chamado de *Belle Époque*. Como será chamado o fim do século XX e o início do século XXI? Provavelmente, a *Triste Époque*, por ser a época do fim das utopias. Notem bem: o processo de desencantamento do mundo, inerente à formação da sociedade moderna, deixa o socialismo como única possibilidade utópica por pressupor a crença na viabilidade de uma sociedade racional. Isto é, o socialismo aspira a ser a utopia da razão histórica.

A crise do chamado socialismo real não se fez acompanhar de outras construções utópicas adequadas às sociedades desencantadas. Certamente porque tal possibilidade inexistente: a utopia da razão é a única saída no mundo desencantado. O resultado é o vácuo atual, o vazio no âmbito das nossas projeções e crenças num futuro diverso que repercute internamente em todos nós e especialmente naqueles que fizemos a aposta.

Eu acho que ainda não nos demos conta da tragédia que existe nessa aparentemente simples constatação a respeito do fim das utopias. O que pode ser um mundo sem utopias, se não um mundo despossuído dos valores que ultrapassam a mera expressão do existente? Ora, a presunção desses valores é a própria condição para a existência de apostas – aposta aqui entendida no sentido pascaliano. Essa é a tragédia do mundo em que vivemos.

Mas se, realmente, não há alternativas para o mercado, se a história só está aberta no âmbito da esfera do mercado, as relações mercantis vão atravessar toda a sociabilidade. É inquietante constatar que a nossa *intelligensia* contemporânea adere à vulgata neoliberal; e depois os intelectuais lamuriaram-se de que tudo virou mercadoria. Não se dão conta de que estão sendo discípulos de Francis Fukuyama, esse gênio nipo-norte-americano, que conquistou notoriedade com a afirmação de que chegamos ao fim da História. Na periferia, por isso, vivemos o dilema agudo:

devemos dizer adeus ao desenvolvimento e nos resignarmos ao ajuste, ou devemos manter a utopia, e insistir em ser agentes da História. Esse grande dilema, inescapável a reflexões memorialísticas como essas, acaba desaguando nesse sentimento fundo de melancolia.

Na busca de personalizar ainda mais a minha trajetória, o que eu posso dizer? Sou obrigado a reconhecer que ela está muito ligada a tudo isso. Esse percurso em direção ao fim das utopias que explode na passagem do século, e que para o historiador, especialmente para o historiador que esteve o tempo todo identificado com o materialismo histórico, aprofunda a sensação de desconforto. Isto porque o materialismo histórico envolve necessariamente a aposta. Como magnificamente formulou Lucien Goldmann: Marx apostava no proletariado, como Pascal apostava em Deus. A aposta de Pascal é transcendente e a de Marx, imanente; mas ambas são apostas. O que muda no fundo é o princípio que move a aposta; a primeira é aquela que se põe além da própria história; a segunda se forja na ultrapassagem do existente na história, e nesse sentido específico, é também transcendente. Ambos, por essa razão, não escapam da aposta.

Há, além do mais, motivos ainda mais profundos na constatação dessa tragédia presente no mundo em que estamos vivendo, que se encontram no próprio âmago da modernidade. Como sabemos, na dinâmica do moderno formaram-se projeções variadas em direção ao futuro, até como fruto de uma época que se concebeu como independente de todo o passado. Dessa forma, implicava apostas diversas ao mesmo tempo em que ia dominando o processo de desencantamento do mundo. O socialismo, nesse contexto, aparece como a única aposta integral no mundo desencantado, isto é, como a última das utopias.

Por outro lado, e insistindo no percurso pessoal, o materialismo histórico situa-se de modo especial no diálogo com as Ciências Humanas. A História, como discurso, é muito antiga e visa sempre, no limite, a revivescência dos acontecimentos com vistas à criação da memória social. O objeto desse discurso é indelimitável, pois abrange todo o acontecer humano. Daí a frase famosa de Paul Veyne: “L’histoire n’existe pás. Il n’y a que l’histoire de...”. As Ciências Sociais por seu turno, são mais recentes e nascem do reconhecimento da impossibilidade de teorizar a totalidade da história; por isso, recortam esferas da existência para elaborar os seus conceitos. A

história, portanto, sacrifica a conceitualização pela reconstituição da totalidade, as Ciências Sociais sacrificam a totalidade em nome da conceitualização, como instrumento do saber científico. A História, como tal, não pode ser uma ciência exata. Nesse contexto, o materialismo histórico apresenta-se como uma teoria da história significando afirmar a possibilidade de teorizar todas as esferas da existência ao mesmo tempo, implicando, por isso mesmo, uma aposta.

E mais: mantendo o seu objetivo originário e permanente de reconstituição da vida no discurso, envolve, necessariamente, uma dimensão utópica. A história como discurso é efetivamente uma forma de utopia.

Entender o materialismo histórico como uma teoria da história permite distinguir o historiador marxista (o materialismo histórico é *uma* teoria da história) do marxista historiador (o materialismo histórico é *a* teoria da história).

Nesse sentido, como sou um historiador marxista, e não um marxista historiador, o materialismo histórico é para mim uma teoria da História, não a ciência da História. Não pode haver ciência da História, mas pode existir uma teoria da História. O grande historiador Lucien Febvre tenta encaminhar o problema da relação da História com as Ciências Sociais quando preceitua a historicização de seus conceitos pelo historiador. Mas o que é historicizar? Como ninguém tem a chave desse conhecimento, só existem aproximações. Sendo assim, essa crise do nosso tempo, expressa no fim das utopias, é também a crise da possibilidade da História como discurso. Ora, a impossibilidade da história como discurso exprime a profundidade da crise; trata-se da crise da nossa civilização moderna, uma vez que esta se auto-fundamenta a partir dos seus próprios princípios, baseados na universalidade da razão. Daí, advém o seu caráter normativo, uma vez que a perene realização da razão, a transforma em um destino, como bem aponta Habermas. Ora, essa coincidência entre a razão como faculdade e a razão do tempo introduz um novo estatuto à história, adensando a consciência da temporalidade, na conciliação entre ambas. Não por acaso as projeções utópicas do nosso mundo são imanentes, derivadas dos princípios modernos, embora mantenham com eles uma relação de tensão. Essas utopias nascidas na modernidade, como o socialismo, criam a noção do tempo e instauram, por isso, a possibilidade da história como discuso. Por essa razão, a desvalorização das utopias, gestadas pela modernidade, põe em xeque, no

limite, os próprios fundamentos da sociedade moderna. A ausência desses valores, ao mesmo tempo em que questiona a história como discurso, revela os limites civilizacionais do nosso tempo. Só nos resta a barbárie?

De volta à nossa circunstância, vejamos como é diferente quando a questão se refere à decantada crise dos paradigmas: a reação à crise dos paradigmas nas Ciências Sociais desemboca na discussão teórica. A discussão dos paradigmas, entre os historiadores, leva à mudança de assunto. Afinal, o que aparece como a riqueza da historiografia é a possibilidade permanente de abertura de novos temas dada a infinitude de seu objeto. Com isso, abandona-se a idéia de que é possível teorizar o conjunto das esferas da existência ao mesmo tempo. Se o império do mercado venceu, nós, os historiadores, não temos muito mais o que dizer.

Eu fico me perguntando se o dilema do fim da História e do fim das utopias não se manifesta, no meu caso, nessa quase impotência em realizar os trabalhos por mim desejados. No geral e no pessoal, há uma certa melancolia contra a qual eu quero vaciná-los com essas minhas últimas palavras, ao lembrar que é preciso manter as utopias, insistir em ser agente da História. Entendendo a dificuldade, enfrentando a perplexidade, poderemos, talvez, compreender a frase terrível de Pascal, quando ele se sente absolutamente solitário perante “o silêncio eterno dos espaços infinitos”. Muito obrigado.

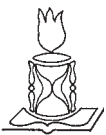
## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um antigo discípulo, que se tomou sociólogo sem no entanto perder o gosto pela grande historiografia e um discípulo mais recente, que seguiu a trilha do mestre e se tornou historiador no mesmo campo de pesquisa - ambos apresentaram, nesta homenagem máxima que esta escola pode, oferecer àqueles que a ela dedicaram sua vida de trabalho, relatos que desenham, no final, um retrato muito coerente da figura do professor Fernando Novais quando faz a sua parte, que é irradiar idéias. Sedi Hirano guarda viva a memória do mestre em ação na sala de aula como uma presença heróica, formidável no sentido pleno do termo, e a mantém até hoje, mesmo quando matizada pela leitura mais sóbria das obras de Fernando Novais, que soube utilizar nas suas próprias reconstruções sociológicas. Já o relato de Pedro Puntoni traz a marca da decantação do enlevo pelo virtuosismo do grande professor na experiência profissional cotidiana do historiador. Ambos, contudo, se unem no traçado da figura do herói no sentido mais clássico do termo: do portador da excelência naquilo que fez, da virtude em grau máximo, da *areté*. Bela homenagem esta, a que hoje recebe Fernando Novais. Não é pouco, requer toda uma vida, fazer convergir dessa forma a admiração juvenil do aluno e o respeito maduro do profissional, a fusão num momento mágico do encanto dos jovens e do reconhecimento dos pares.

Muito obrigado, professor Fernando Novais, muito obrigado a todos os que aqui compartilharam esse belo momento.

*PROF. DR. GABRIEL COHN*

*DIRETOR*



**Serviço de Divulgação e Informação**  
**Assessoria de Comunicação**  
**Gráfica - FFLCH**

**USP**